



Ana Roque



Pagar para ver

Maio de 2005

**FICHA TÉCNICA**

Título: Pagar para ver

Autora: Ana Roque

Grafismo e paginação: pauloquerido.com

Capa: Pedro Roque

Revisão final: Inês Figueiredo

© Ana Roque

Pesquisa de texto: Ana Filipa Beliz

Publicado por: pauloquerido.com Unipessoal Lda

Rua Ramiro Ferrão nº 7 6º esq

2805-356 Almada Portugal

Email: editor@pauloquerido.com

Website: <http://pauloquerido.com>

Primeira impressão: Maio 2005

Impressão: Publidisa, España

ISBN: 972-99434-2-7

Número de Depósito Legal: 222486/05



**Para o Paulo,  
pelo resgate da palavra.**







*“Temer o amor é temer a vida, e os que temem a vida já  
estão meio mortos.”*  
Bertrand Russell (1872-1970)





SEGUNDA-FEIRA, 12 DE MAIO DE 2003

---

### **Dúvida**

Será que é assim?

TERÇA-FEIRA, 13 DE MAIO DE 2003

---

### ***Modus vivendi***

Para hoje, o conselho sábio e exigente de T. S. Eliot: «*Let's not be nasty, narrow and negative*». Isto é que me parece uma “linha justa” para o *modus vivendi*.

QUINTA-FEIRA, 15 DE MAIO DE 2003

---

### **Arte(s)**

Para começo de dia, a recomendação do *modus vivendi* é um belo extracto de Ovídio:

«*Escuta, preceptor do amor libertino:  
Conduz os teus alunos ao meu templo.  
Verão eles ali uma inscrição  
cuja fama aos confins do universo  
levou este conselho: Conhece-te a ti mesmo.  
Só o homem que a fundo se conheça  
pode amar sabiamente  
porque é em relação às próprias forças  
que mede cada empresa.*»

SÁBADO, 17 DE MAIO DE 2003

---

### **Prometido**

Uma nota sobre o respeito pela liberdade alheia, não a liberdade no sentido jurídico-político que faz unísono com os direitos fundamentais\*, mas outra, mais interior e profunda – a liberdade quotidiana e permanente, moldura indispensável das relações interpessoais, que a é condição *sine qua non* do amor. Não dos afectos, que se misturam com posse, desejo, amor próprio e outros desencontros de alma, mas com o amor, esse sentimento libertário cuja tentativa de definição serviu de título a um belo conto de R. Carver. E esse respeito pela liberdade do outro, que só acontece em igualdade plena de registos individuais, em confluência de vidas vividas, é de facto um plano outro da interacção emocional.

A desigualdade, que surge quando há um *master* e um *slave*, tem lugar quando a transferência de expectativas sai da esfera do eu para a do outro, sem reciprocidade. É esse quadro, tantas vezes visto e, *hélas!*, vivido, que está bem presente no soneto de W. Shakespeare:

LVIII

*«That God forbid, that made me first your slave,  
I should in thought control your times of pleasure,  
Or at your hand the account of hours to crave.  
Being your vassal, bound to stay your leisure!  
O! let me suffer, being at your beck,  
The imprison'd absence of your liberty;  
And patience, tame to sufferance, bide each check,  
Without accusing you of injury.  
Be where you list; your charter is so strong,  
That you yourself may privilege your time  
To what you will; to you it doth belong  
Yourself to pardon of self-doing crime.  
I am to wait, though waiting so be hell,  
Not blame your pleasure, be it ill or well.»*

TERÇA-FEIRA, 20 DE MAIO DE 2003

### **Os blogues vistos de um canto no seu interior**

(ou As delícias do *cosy corner*)

Há diversas questões muito interessantes sobre este mundo dos blogues, mas duas serão, do meu ponto de vista, mais acutilantes: a primeira prende-se com a natureza do fenómeno (pergunta tipo: o que é? para que serve?); a segunda tem a ver com as consequências da sua utilização como registo mais ou menos pessoal (a privacidade ameaçada, digamos, para simplificar).

Quanto à natureza, pode dizer-se que se trata de um novo espaço comunicacional, um universo mediático não institucional, onde as pessoas (ou grupos de pessoas) podem exercer a liberdade de expressão (a propósito, este é o mais feliz de todos os nomes para um blogue; parabéns ao J. M., por se ter adiantado), sem limite para a variação temática e linguística; no entanto, o blogue serve também como uma espécie de correio electrónico alargado, onde uma pessoa (ou um elemento de um grupo) escreve para um destinatário (ou um conjunto de destinatários) identificado ou identificável. É esta possibilidade semi-intimista que torna o blogue diferente de, por exemplo, uma coluna de opinião na imprensa (ao menos para quem o usa também nesta dimensão, e há muito quem o faça, num momento ou noutro).

Daqui decorre a questão da eventual quebra da privacidade, quer aconteça de modo consciente e voluntário, que suceda inadvertidamente. Este é um problema que só pode ser avaliado tendo em conta determinados parâmetros, como, por exemplo, onde começa exactamente a privacidade de cada um e, além disso, se esse é ou não um campo irrenunciável (por outras palavras, se cada um pode ou não prescindir de certa “quota” da sua privacidade, em prol da partilha de determinada experiência). Dou exemplos: quando o Abrupto escreve que está em Itália, no meio de *bragadoccios* e *vaporettos*, e descreve o vulcão Solfatara para a comunidade bloguista, estará ou não a abrir mão da sua privacidade em prol da comunicação?

Quando o Nuno diz qual é o seu soneto favorito de W. Shakespeare, quando eu escolho uma frase de Eliot para marcar uma ideia cara ao meu *modus vivendi*, *and so on*, é ou não uma “quebra” da privacidade? A meu ver, não é, ou, a ser vista como tal, inviabiliza a comunicação que não seja estritamente fria, asséptica, científica, racional no pior dos sentidos.

É evidente que o limite é o da ética individual (e, espera-se, o de uma preocupação estética, ainda que, no domínio do gosto, seja muito difícil estabelecer linhas orientadoras – longe vão os tempos áureos dos “árbitros da elegância”, e ainda bem).

Mas outros bloguistas irão, certamente, mover-se nestas águas com maior conhecimento de causa, tanto mais que ainda não li certo artigo do NY Times sobre esta última matéria.

QUINTA-FEIRA, 22 DE MAIO DE 2003

### Lamento

Hoje sinto-me dolorosamente vítima de *don Juan*; abrir a lata absorta na contemplação do seu apelido e fez-me na mão esquerda um golpe pequeno, súbito e sanguinolento. Larguei de imediato o *Tenório* com um suspiro magoado. Tenho, decididamente, que perder mais tempo a cozinhar.

### Consolo

Os dias estão quentes, mas pesados.  
Restam algumas palavras que refrescam.  
*«I cannot grow;*  
*I have no shadow*  
*To run away from,*  
*I only play.*

*I cannot err;  
There is no creature  
Whom I belong to,  
Whom I could wrong.*

*I am defeat  
When it knows it  
Can now do nothing  
By suffering.*

*All you lived through,  
Dancing because you  
No longer need it  
For any deed.*

*I shall never be  
Different. Love me.»*  
excerto de “Song for St. Cecilia’s Day”, de W. A. Auden

SÁBADO, DE MAIO DE 2003

### **A eternidade possível**

*«A thing of beauty is a joy for ever:  
Its loveliness increases; it will never  
Pass into nothingness; but still will keep  
A bower quiet for us, and a sleep  
Full of sweet dreams, and health, and quite breathing.»*  
John Keats

So I was told, long, long ago.

DOMINGO, 25 DE MAIO DE 2003

### **Encontros**

Todos os encontros que temos na vida são, de um modo ou de outro, *blind dates*, porque nunca adivinhamos o futuro, sendo o mais extraordinário de todos o que temos com os nossos filhos, concretizado no momento do parto – quando aquele desconhecido tão longamente adivinhado que abrigámos dentro de nós surge, numa hora dolorosa e mágica é, sem dúvida, o *blind date* da nossa vida, repetido sem quebras nem diferenças de intensidade pelo número de filhos que parimos.

Nunca se pode ensaiar nada do que é verdadeiramente importante

e isso é o próprio sal da vida – por isso recordamos enquanto tivermos uma réstea de memória aquele olhar que nos prendeu para sempre à pessoa amada, a frase dita que fica a ressoar dentro de nós, como se tudo tivesse sido captado num filme em perpétua projecção privada (por muito que, perversamente, isto possa vir a tornar-se incómodo ou mesmo lamentável...).

Mas *blind dates* em sentido estrito são os decididos por uma palavra, um comentário, uma ideia, levando-nos a forçar, por convicção, as rotas que, apesar de tão paralelas no espaço e tão próximas no tempo, não se cruzariam de “forma espontânea”. O que dá sentido pleno a estes voluntarismos no contacto pessoal é a disponibilidade para densificar uma teia que, por muito que já se mostre confortável, ganha sempre com cada nova volta da espiral. Nunca conhecemos todas as pessoas que poderiam enriquecer a nossa vida e de quem poderíamos, muito simplesmente, gostar; algumas chegam bem cedo, outras vêm na adolescência, e outras ainda são já fruto de uma vida adulta, repartida em segmentos, de onde podem surgir esses seres que nos animam, motivam, desafiam, amparam e questionam. E convém nunca fechar a porta por onde podem continuar a entrar porque, em qualquer momento, pode surgir quem nos leia de outra forma, quem nos dê a ler uma outra cambiante. Não usei até agora a palavra amizade porque é difícil precisar se é de *areté* que em bom rigor se trata; se à amizade for inerente uma dose de afecto nascido da partilha de diversos tempos, é claro que só uma parte acede a esta categoria, que resiste aos anos com constância e intensidade. Mas é esse universo mais amplo de pessoas com quem trocamos ideias e criamos emoções que dá cor ao quotidiano – são esses habitantes do nosso *modus vivendi* que nos ajudam a tecer o fio de Ariadne, e alguns podem vir da blogosfera.

### **O lugar da vontade**

*«Non fu amore di altri e non il mio  
non fu il rigore di cui ti vantì.  
Devi alla cura dell'esistente  
l'arida scelta dell'addio.»*

Gabriella Leto

Para além da liberdade de conteúdo, outra das vantagens da comunicação através dos blogues é a total capacidade de gestão dos tempos de participação (ou de escolha do silêncio). Esta é uma autêntica benção, porque escrever a horas certas deve ser, presumo, uma incontornável maçada quando, simplesmente, não apetece escrever e se tem esse compromisso. Acresce, no meu caso, uma terceira margem de liberdade, porque o meu blogue não é lido senão por duas ou três

peças que acharam graça às referências aqui usadas e que, por isso mesmo, já são para mim uma espécie de destinatários implícitos. Não estou cotada em bolsas, não sou colunável, não serei nunca juiz do supremo, nem empregada certa de partidos ou confrarias, e pago com gosto o reverso dessa liberdade (posso escrever o que quiser, aqui, em livros, em artigos, que, como *outsider*, serei sempre desconhecida e inelegível). Por isso, vejo com alguma curiosidade o modo como algumas pessoas se mostram julgando esconder-se, e manobram como se fosse possível, por obra e graça de algum sobrehumano poder, controlar sempre tudo (o seu grau de exposição, o dos outros, os factos, as ideias sobre os factos). Os hábitos de poder e a perversidade da tentação ditatorial podem ser, na verdade, ensaiados na mais indiscutível aparência libertária.

Mas o lugar da vontade é inexpugnável. Nem que seja pelo recurso ao silêncio.

QUARTA-FEIRA, 28 DE MAIO DE 2003

### Onde radica a liberdade

O tema da liberdade individual tem sido, ao longo do tempo, fonte de inspiração e objecto de reflexão para quem se ocupa, de modo mais holístico e “militante”, das insondáveis profundezas da humana condição – os poetas e os filósofos. Em bom rigor, e esquecê-lo seria injustiça grave, tem também ocupado teólogos (mas estes são “filósofos especialistas”), juristas, sociólogos e outros estudiosos do que se convencionou chamar ciências humanas. Mas, como se calcula, não será exactamente disso que se vai alimentar este *post*, mas sim de uma simplicíssima constatação, quase diria decantação, de experiência feita. Sempre gostei da frase – atribuída a Péricles por Tucídides, creio que na sua obra “A Guerra do Peloponeso” – que, com clareza meridiana, estabelece a filiação da felicidade (a famosa *eudaimonia*) na liberdade, sendo esta, por sua vez, fruto da coragem.

A verdade comprovável desta construção é, do meu ponto de vista, de uma evidência deslumbrante. Traduzindo felicidade pelo equilíbrio entre as aspirações e a realidade, sem grandes equívocos decorrentes de optimismos forjados no cadinho do *wishful thinking* enganador, nem no amargo erro de paralaxe do pessimismo derrotista e desistente, teremos a liberdade de agir, de se conformar a si próprio, de ser, enfim, «teatro de uma inexpugnável autoridade»(\*), como a sua natural condição *sine qua non*. A coragem, precursora dessa mesma liberdade, autonomia existencial inteira, surge como “atrevimento” de solidão; essa é, de facto, a coragem necessária – a coragem para correr o risco de ficar só

consigo mesmo, sem ruído, longe do fogo de vista, sem disfarce, tirando a máscara antes que fique colada à cara. Essa coragem é que permite distinguir o afecto (emoção positiva, mas sempre um valor de troca) do amor (sentimento pleno de aceitação do outro, sem depósito de expectativas, sem contar “os juros” do “investimento”).

A felicidade, neste sentido, não é um estado de alma, uma deriva do romantismo, mas, bem ao contrário, uma construção, um *modus vivendi* assente na autonomia do sujeito e na sua capacidade de interacção total, em plena independência. E demora muito tempo a aprender.

\*Esta pequena frase, que me foi citada por quem me tem ensinado muito do que tenho prazer em saber, é do Mário Cesariny, mas o texto onde se encontra, um catálogo de uma exposição há muito ocorrida, não está disponível, pelo que não posso precisar melhor a citação.

SEXTA-FEIRA, 30 DE MAIO DE 2003

---

### **Se escreves, porque não escreves?**

(Mais inconfidências anunciadas)

Não gosto do tempo cinzento, preciosa informação que permite detectar a usual e indisfarçável nota neurótica que, nem que seja por mera contaminação ou fruto mais que natural da usura do tempo, costuma acompanhar os cidadãos (e cidadãs) que chegam «a meio da vida» (a conhecida expressão é de Dante; o momento pode ser dantesco no mais pessimista dos sentidos, se não nos acautelarmos com uma provisão incomensurável de boas leituras, amigos com sentido de humor, música que fique a tocar em silêncio dentro de nós, um sem número de viagens motivantes em agenda e outros pequenos detalhes que dão o lastro necessário para não adornar demasiado na *tempestas*).

É claro que escrever pode ser também um precioso auxiliar, complementar do exercício sádico que consiste em moer os ouvidos de quem tem a infausta função de ser nosso confidente, ou seja, pouco mais que escravo mudo sobre quem se derrama a abundante cornucópia das mais retóricas perguntas e dos menos originais desabafos. Mas escrever apenas *en petit comité*, sem nunca por nunca pensar em publicar; quem tenha a vil tentação, pode controlá-la com um pequeno e higiénico passeio pela FNAC mais próxima, onde se recomenda um olhar demorado sobre as horrendas capas dos “romances” em lusa prosa publicados pelas nossas autoras mais famosas (a garridice de uma contrasta com a melancolia da outra, o que é curioso): este esforço compensa, porque se percebe logo como o mundo já está servido de banalidade em doses generosas.

O problema da escrita “feminina” destas autoras mais “ligeiras” é que o intimismo não é *light* nem pode ser tratado como tal; se isso sucede, não acrescenta coisa alguma à já vasta descrição do desacerto visto (e dos desacertos vividos), da rápida desagregação de um mundo que torna desadequados laços que se pressupunham duráveis, que torna impraticáveis projectos concebidos em passados recentes. Acresce, para bem da humanidade, que o transporte promissor para o mundo das palavras já existe, com certificado de garantia, e só perde tempo quem sofre de um incurável optimismo: P. Roth, H. Hesse. T. Mann, Naipaul, Coetzee, S. Bellow, Murdoch; e Borges, Pessoa, Pound, Eliot, V. Woolf; e Sophia, Eugénio, Sá de Miranda, Camões. Pensando em tudo isto, percebe-se que “escritores” anunciados não consigam vencer o medo do fracasso mais que provável. Se calhar, é a última réstea de bom senso, ainda mais aconselhável quando o próprio registo em crónica semanal decai sem dó nem piedade. E quando se pratica a arrogância, pior, muito pior.

DOMINGO, 1 DE JUNHO DE 2003

**No less**

(à luz do fim da tarde)

«*Love thou thy dream  
All base love scorning,  
Love thou the wind  
And here take warning  
That dreams alone can truly be,  
For 'tis in dream I come to thee.*»  
E. Pound

A primeira linha do poema de Pound pode bem constituir uma divisa segura, só comparável ao eterno tema délfico (sim, finalmente desvendei o mistério da aposição de uma legenda permanente no *setting* do *modus vivendi* e lá coloquei a frase de Goethe – porque há um *acquis* romântico que não desprezo, por mais que tenha batalhado contra o seu controlo excessivo, através de todos – repito, todos – os meios ao meu alcance...); conhece-te a ti mesmo, torna-te no que és e, seguindo as sábias palavras de Píndaro, sê tal como aprendeste a conhecer-te. Não deixes nunca alienar nada do que te seja essencial, mas livra-te do acessório que te dominar, diminuir, fragilizar ou, simplesmente, oprimir.

Em suma, *do not settle for less*: não se abdica de um *logos*, não se abandona a acção; e nunca, mas nunca, se deixa que a fúria seja mais forte do que as próprias resoluções, que foi o que perdeu Medeia.

### Tempo

Tempo tenebroso, este (não, não vou indulgenciar-me num daqueles *posts* em que me delicio a apreciar os efeitos devastadores da acção depuradora desse elemento inquebrantável sobre a nossa vida, até ao ponto em que aprendemos a distinguir com segurança o essencial do acessório, para depois sobrevir a incontornável extinção de ambos; *not now, anyway...*); estou mesmo é a queixar-me da traidora *natura*, que produziu o nevoeiro vil e insidioso, rastejante com cinzento e militância desde a linha desenhada pela Serra da Arrábida, tapando tudo com ávida morbidez, espraindo-se sem detença até esconder o Tejo, fazer desaparecer a luz sobre Lisboa e apagar a promessa do mar.

Valha-me *Don Giovanni!*

«*Piú non sperate/ di ritrovarlo.../ Piú non cercate.../ Lontano andò*»

SEGUNDA-FEIRA, 2 DE JUNHO DE 2003

### Lux

(não, não vou escrever sobre sabonetes em desuso, nem fazer crónica social – *not yet!*)

De repente, enquanto olhava sem ouvir o oráculo da TVI, apercebi-me de que há uma perturbante confusão em muitas mentes (e algumas dotadas de inteligência em doses mais do que abundantes, louvadas justa e publicamente por esses dotes e pela apreensão de conhecimentos que souberam fazer ao longo da vida) entre duas coisas (!) bem diversas, a saber: entre epifania e apocalipse. E a diferença é avassaladora, como se pode constatar em qualquer dicionário. A epifania não é uma forma de revelação, não integra uma antevisão gloriosa ou mesmo épica da vida que nos aguarda, nem sequer representa uma “ordem de marcha” de alguém para o seu destino; a epifania é uma aparição ou manifestação divina, que permite uma adesão, um pacto, daquele perante o qual se realiza esse acto, sendo, portanto, necessária a superação da incredulidade para a respectiva realização plena.

Pelo contrário, o apocalipse é, na sua origem, uma revelação dos segredos divinos, qualquer que seja a matéria a que respeitem, tendo constituído um género literário comum nos primeiros séculos da era cristã. O sentido corrente tornou-se de tal forma restritivo – designando apenas uma parte da revelação, que constituiria a descrição do “fim do mundo” – que se tornou sinónimo de catástrofe de grandes dimensões. Mas o desvendar do futuro, em qualquer âmbito, é praticar, com maior ou menor êxito, o apocalipse (coisa que quem leia jornais económicos já tinha percebido há longo tempo com meridiana clareza, mas enfim...).

TERÇA-FEIRA, 3 DE JUNHO DE 2003

### **Libelo contra a vida *de officiis***

(ou do desgaste visível)

Mostra-se farto, no duplo sentido de saciado e levemente enjoado; conhecida a presa na plenitude e, por consequência inevitável, exaurida a energia vital que transportava (levado *a outrance* e com a força da convicção o vastíssimo tríptico formado por *jus utendi*, *fruenti et abutendi*, conferido pela titularidade implícita), nada faz na órbita do entediado proprietário, a não ser agastá-lo levemente com os seus múltiplos defeitos vistos às lupa, ou aborrecê-lo ainda mais através de quaisquer actos logo tomados como excessos. O estado de quase permanente irritação, o desprazer traduzido no tom metálico, mostram bem os sinais da usura do tempo. Afinal, se é verdade que o acumular de unidades (dias, meses, anos) forma o lastro de uma memória, também a outra face de Janus se evidencia e faz pagar: esta é uma época que valoriza a volatilidade, o consumo rápido, mau grado a maior ou menor consciência e até aparente recusa dessa dissolução circunstancial, e ninguém sai incólume do seu próprio tempo. Mas nem por isso dói menos a quem se sente um *dejá vu* no olhar em que se revê, um fardo não muito pesado, mas ainda assim embaraçoso, suportado com paciência e espírito de sacrifício por uma espécie de indefinido dever assumido como pagamento pelo entusiasmo passado.

Honrar a permanência, ser fiel a uma constância prometida em contextos tão remotos que parecem mitologia, pode ser, não uma forma de consideração, mas um terrível pagamento de promessas, não por ser duro ou brutal, mas antes pelo registo de brando desencanto que produz uma penosa sensação de desamparo no destinatário (que assiste, desfeito, a este estertor de um deslumbre que passou). É certamente doloroso o fim brusco de um tempo em que se projectou tudo o que se tinha, em que se pagou para ver até ao limite e se perdeu, mas é muito pior ser tolerado mansamente na arena do aniquilamento, extinto todo o interesse que nos tinha feito brilhar, silenciados os risos, instalado o frio no lugar do fogo.

### **Da fé**

Às vezes tenho dor e palavras e perco a fé com demasiada facilidade. Esqueço-me que Pedro é uma rocha – sobre ela se construiu a Igreja – e que as rochas não fluem como o tempo e com o tempo.

«No princípio foi o caos, depois a Terra de vasto seio, origem eterna da totalidade, depois Amor (...).»

Hesíodo, *in* “Teogonia”

QUARTA-FEIRA, 11 DE JUNHO DE 2003

---

### **A propósito**

«Amo os teus defeitos, e tantos eram, as tuas faltas para comigo e as minhas; essa ênfase de rechaçar por timidez; solidão de fazer trepadeiras, agasalhos para velhos, depois para netos; indulgência de plantar e ver o crescimento da oliveira do paraíso, carregada de flores persistentemente caducas; essa autoridade, irremediável desafio; e a astúcia de termos ambos quase a mesma cara.»

António Osório, in "Antologia de poesia portuguesa", org. Inês Pedrosa, Dom Quixote.

QUINTA-FEIRA, 12 DE JUNHO DE 2003

---

### **Pretextos**

Ainda as saídas (do que quer que seja): às vezes as pessoas estão cansadas, sem vontade de continuar por um caminho que, de tão publica e convictamente abraçado (em princípio, ou na aparência, depende), deixa pouquíssimo espaço de manobra para desistências "honrosas"; e não se trata apenas de dar explicações a terceiros, mas sobretudo de construir uma auto-justificação credível para a desejada e libertadora "saída pela esquerda" (entendida aqui a expressão em termos hábeis, e não políticos, *for Christ's sake!*). É assim que se criam muitas situações deprimentes e insustentáveis, para promover uma ruptura que então surge como inevitável – e todos sabemos como é possível construir autênticos infernos modelares, capazes de fazer inveja a um qualquer Belzebu, só com recurso a materiais correntes, convenientemente cortados no sentido que mais convier: meias palavras, meias verdades, meias tintas, tudo isso faz autênticos milagres de implosão e permite acabar com o quer que seja, rapidamente e quase sem esforço.

Sobretudo, dá a carta de alforria mais completa que a cobardia emocional pode desejar.

SÁBADO, 14 DE JUNHO DE 2003

---

**António (*in memoriam*)**

Se vivesse ainda, faria hoje cinquenta e três anos. Tinha luz própria e cintilante, uma inteligência que deslumbrava quase tanto quanto a beleza do sorriso. Era culto e um pouco desorientado da vida. Andava pelo mundo das línguas que falava como a sua própria com o à vontade de quem sabia partir. Voltava sempre. Agora já não.

Quando viajo, quando oiço os seus russos favoritos (Tchaikowsky, Rimsky-Korsakov, Stravinsky), quando leio os poetas que amava (Eliot, Camões, Shakespeare, Eugénio, Machado, Joaquim Manuel Magalhães), quando oiço a 5ª sinfonia de Mahler ou vejo Visconti, é um pouco dele que sobrevive, e será assim enquanto tiver memória.

SEGUNDA-FEIRA, 16 DE JUNHO DE 2003

---

**Ânimo**

As palavras são a única fuga possível ao cinzento do dia.

**Nem sempre**

(há mais insectos na terra)

Às vezes esse período compulsivo conhecido por férias não é bem a fuga ideal da rotina do ano todo para um tempo paradisíaco, recheado apenas com os nossos gostos; às vezes é apenas um novo compasso, tributo devido a diversos afectos e dependências várias (nossas e dos que amamos e, supostamente, nos amam). Por isso, porque as vidas não são a preto e branco, porque há muitas esquinas e negociações, muitos compromissos e algumas cedências, é que nem sempre fazemos exactamente o que queremos. Mas é a nossa liberdade de escolha que nos conduz a essa abdicação, mesmo assim.

QUARTA-FEIRA, 18 DE JUNHO DE 2003

---

**Eros e agape**

Tema actualíssimo, vai certamente causar furor na blogosfera, mas tenham paciência: fui eu que hoje, com estes 41º, não resisti à premência do assunto.

Em primeiro lugar, diga-se que a principal diferença é, para mim, a durabilidade dessa afectividade desinteressada que os gregos contrapunham, na qualidade de amor puro, a *eros*, um amor inquinado

de paixão, condenado a uma rápida decadência, seguindo com brevidade a fogueira exclamativa inicial.

Mas há outro ponto de divergência, e é esse que aqui me trouxe: *agape* pressupõe verdade relacional, discurso crítico, distância apreciativa, enquanto que os fulgores de *eros* cegam o *logos*, somente alimentando *ergon*, a acção.

Ora sucede que quem está muito apaixonado por si próprio ( e esse auto-enlevo é impeditivo de qualquer humildade intelectual) fica igualmente imune a todo o discurso crítico que lhe seja dirigido, mesmo que ditado pelo mais puro e decantado espírito de *agape*. É esta mera observação de facto que me deixa, por vezes, impotente para interagir. E assim conluo que *eros* é inimigo do verbo, livre e racional, salvo o que o serve. E quem domina a linguagem utilizada num universo comunicacional, domina as relações que têm esse universo por palco.

Só a física quântica oferece um razoável lenitivo para esta inquietação: em universos paralelos, há diferentes hipóteses de resposta. E lá se vai o domínio.

### **Epicuro**

«Não há nada a temer dos deuses.

Não há nada a temer da morte.

Pode-se suportar a dor.

Pode-se alcançar a felicidade.»

Tradução livre, a partir de W. H. Auden

SEXTA-FEIRA, 20 DE JUNHO DE 2003

---

### **Ainda Eros**

Hémon, sem pronunciar uma só palavra de amor, afirma esplendorosa e inequivocamente, pela sua fidelidade aquela a quem ama, ao mesmo tempo que à justiça e aos deuses, o contágio do amor, o irresistível poder dessa força que conduz o mundo e as nossas vidas – Eros.

### **Minerva cativa do mundo**

Minerva não teme Polemos, o combate; enfrenta-o e vive com ele, sabendo-o pai e rei de todas as coisas, como disse Heraclito de Éfeso.